

ABORDAGEM DA MEMÓRIA COLETIVA A PARTIR DO POEMA “ANIVERSÁRIO”, DE ÁLVARO DE CAMPOS

Manoela Freire Correia¹

RESUMO

Tomando-se como base o poema intitulado “Aniversário”, de Álvaro de Campos, heterônimo do poeta português Fernando Pessoa, buscou-se trazer à luz alguns aspectos da teoria da memória coletiva de Maurice Halbwachs, sociólogo francês. Nessa perspectiva, a análise do referido poema pautou-se não apenas nos seus aspectos linguísticos, mas também serviu de base para trazer à baila categorias caras à teoria halbwachiana da memória, segundo a qual esta é relacional, construída nas relações sociais, afinal na sociedade que o homem adquire suas memórias, evoca-as, reconhece-as e as localiza. Portanto, busca-se evidenciar, partindo, evidentemente, do poema supracitado, que, para Halbwachs, não é possível conceber a memória fora dos grupos que compõem a sociedade, posto que ela não se estruturou fora dos marcos ou quadros sociais que a antecedem.

Palavras-chave: Álvaro de Campos, poema “Aniversário”, memória coletiva, Maurice Halbwachs.

1 Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, PPGMLS. E-mail: manufcorreia@yahoo.com.br.

No texto que ora se apresenta, buscou-se analisar o poema intitulado “Aniversário”, do poeta Álvaro de Campos, heterônimo do poeta português Fernando Pessoa, a partir da teoria da memória coletiva do sociólogo francês Maurice Halbwachs, para quem a memória é construída no conjunto das relações sociais. Segundo o renomado sociólogo, ela depende do entorno social, pois é na sociedade que o homem adquire suas memórias, evoca-as, reconhece-as e as localiza. Antes, contudo, de proceder à referida análise, faz-se mister tecer algumas considerações sobre o poeta Fernando Pessoa, bem como sobre a teoria da memória do sociólogo Maurice Halbwachs.

Primeiramente, é lícito esclarecer que Fernando Pessoa, um dos grandes poetas da modernidade – para alguns autores, um “Supra-Camões” –, nasceu em 1888 e faleceu em 1935, deixando-se contagiar pelo entusiasmo dos futuristas e pelo seu desejo de fundir suas energias com a tecnologia moderna e criar um mundo novo. A despeito disso, o que o autor em destaque tencionava não era um niilismo total que ocasionasse a destruição do que existia em prol de novas descobertas, como propunha Marinetti, mas uma interseção entre o que havia e o que estava por vir.

Observada pelo prisma da modernidade, a obra pessoana e, mais especificamente, o fenômeno da heteronímia, não representa um fenômeno absolutamente insólito, antes corresponde a uma imposição geral dos novos tempos: “Sê plural como o universo!” (PESSOA, 1986, p. 81). Assim sendo, num mundo cujos valores desmoronavam irremediavelmente, era natural que a arte se voltasse para as possibilidades de um novo conhecer. Na poesia, o eu pessoal e empírico do Romantismo foi substituído por um eu fingidor que, ao contrário daquele, repudiava a atitude do coração ao pé da boca: “O poeta é um fingidor / Finge tão completamente

Que chega a fingir que é dor / A dor que deveras sente” (PESSOA, 1974, p. 164). Por esse viés, assinala-se que Fernando Pessoa foi atraído pela crise do conhecimento que se processava notadamente no século XX e, na tentativa de revelar vários modos de conhecer que os tempos e as diferentes culturas haviam oferecido como opção aos homens, criou os heterônimos: Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Nessa perspectiva, Caeiro, o Mestre, aproximar-se-ia dos gregos ante-pré-socráticos, ao passo que Campos identificar-se-ia com o mutante cultural dos dias atuais.

Em vista disso, torna-se oportuno esclarecer que a experiência de criação executada por Pessoa pouco ou nada tem a ver com a personalidade empírica do poeta, o que implica dizer que nem a obra ortônima – Fernando Pessoa ele mesmo – pode desvelar, com segurança, fatos da vida do poeta. O próprio nome “Pessoa”, que quer dizer “persona” – máscara dos atores romanos – pressupõe ficção. De acordo com Octavio Paz (1976, p. 201), “sua história poderia reduzir-se ao trânsito entre a irrealidade de sua vida cotidiana e a realidade de suas ficções”. De modo análogo, não se pode enunciar que, no conjunto da obra pessoana, haja unidade na diversidade. Nesse ínterim, Mário Sacramento (1985, p. 26) argumenta que não há “unidade na multiplicidade pela razão simples de os heterônimos não serem senão um ‘desembrulhar’ em direções múltiplas”.

Feitas essas observações, acrescenta-se que Pessoa, diante da hostilidade do contexto social para com o poeta moderno (o qual perdeu o reconhecimento oficial e a vida pública prestigiosa verificada no Romantismo), assumiu uma posição à margem das margens, não pertencendo nem à sociedade dominante nem à margem dominada nem à condenada e maldita (PERRONE-MOISÉS, 1982, p. 45). Destarte, os heterônimos respondem, cada um a seu modo, aos questionamentos suscitados pelos novos tempos e oferecem prováveis saídas para os problemas pessoanos. Correlativamente, o heterônimo Álvaro de Campos, autor do poema que será escrutinado no presente texto, é descrito por Pessoa como o mais histórico dos poetas existentes em si, de modo que os seus poemas são marcados pela oralidade e pela prolixidade, verificada em versos longos, próximos da prosa, que desprezam a rima ou métrica regular. Tal poeta é influenciado, primeiramente, pelo decadentismo simbolista e depois pelo futurismo. Amargurado, escreve poemas em que se delineiam um pessimismo em relação à existência e uma melancolia no que diz respeito ao passado. Nesse ínterim, a ideia de ser criança revela-se muito cara a ele, já que ela simboliza o regresso às origens, a uma infância inocente e feliz, que se perdeu e só se recupera na memória. Essa questão do retorno à infância torna-se evidente no poema denominado “Aniversário”, que será examinado ao longo do presente texto.

Feitas as aludidas considerações, é já altura de referir à teoria da memória coletiva de Maurice Halbwachs, segundo o qual a memória individual não é imanente; ela está enraizada nos contextos sociais de que o indivíduo faz parte. Isso significa dizer que a rememoração pessoal é relacional, construída nos grupos dos quais o indivíduo participa

(a sociedade, a família, a religião, a classe social, entre outros). No livro intitulado “Los marcos sociales de la memoria”, Halbwachs cria uma sociologia da memória e, na sua obra publicada postumamente, traz à luz o conceito de “memória coletiva” (ou memória social, como aparecia em suas notas), não concebendo a memória fora dos grupos que compõem a sociedade. Na realidade, para o sociólogo, ela não se estrutura fora dos marcos materiais que a antecedem. Esses marcos ou quadros sociais, na interpretação halbwachiana, devem ser entendidos como molduras, enquadramentos, contextos em que se fixam as lembranças. Os quadros, assim, podem ser compreendidos como os instrumentos dos quais a memória coletiva se vale para recompor o passado, de modo que mesmo a memória individual está ancorada neles, afinal quem regula a memória é a consciência coletiva. Nas palavras de Halbwachs:

La memoria individual no es más que una parte y un aspecto de la memoria del grupo, como de toda impresión y de todo hecho, inclusive en lo que es aparentemente más íntimo, se conserva un recuerdo duradero en la medida en que se ha reflexionado sobre ello, es decir, se le ha vinculado con los pensamientos provenientes del medio social (HALBWACHS, 2004, p. 174).

Partindo do que vai dito acima, é lícito assinalar que, para Halbwachs, memória equivale a um esforço de recomposição, uma racionalidade que reconstrói o passado em função do presente. Memória, na visão halbwachiana, é reelaboração. E essa reelaboração nada mais é do que uma aproximação a partir de testemunhos orais e escritos. Apesar de se ter a ilusão de que o tempo passado volta à mente da forma como foi vivido, a memória é uma reconstrução dele a partir do presente na consciência do grupo. E, em seus atos de memória, o indivíduo apoia-se nos marcos sociais. Entre estes marcos, destacam-se a família, a profissão, a religião, a classe social etc. Por ora, privilegiar-se-á o marco social da memória familiar, o qual servirá de base para a análise do poema de Álvaro de Campos sob a ótica do sociólogo francês em questão. Este marco, inclusive, serve de modelo aos outros marcos estudados por Halbwachs, dado que, na memória familiar, há a interação de diferentes marcos da memória. Indo mais adiante nessa questão, é digno de menção o fato de que os marcos da família, identificados com o sistema de parentesco, são comuns a toda a sociedade. São, na verdade, lugares de contatos virtuais com toda a sociedade, representando outros conjuntos de relações sociais.

Com efeito, se se busca um marco de noções que sirvam para evocar as recordações da vida doméstica, despontam-se as relações de parentesco, tais como definidas em cada sociedade. A respeito disso, convém aditar que as recordações de família desenvolvem-se em muitos terrenos diferentes, nas consciências dos diversos membros do grupo doméstico. Seja quando estão juntos, seja quando a vida mantém-nos afastados, cada qual se recorda, à sua maneira, do passado familiar comum. Além das regras comuns de uma sociedade, existem hábitos e maneiras de pensar próprios de cada família, os quais, inevitavelmente, exercem influência sobre as opiniões e sentimentos de seus membros. Nesse caso, poder-se-ia objetar que, ao recordar, uma família apenas emprega palavras e se reporta a acontecimentos e imagens que foram únicos em seu seio, mas não é só isso. Para Halbwachs, a recordação da família é uma reconstituição de relações que conduz para essas imagens e acontecimentos, como faz o poeta Álvaro de Campos no poema abaixo, denominado “Aniversário”:

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu era feliz e ninguém estava morto.
Na casa antiga, até eu fazer anos era uma tradição de há séculos,
E a alegria de todos, e a minha, estava certa com uma religião qualquer.

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu tinha a grande saúde de não perceber coisa nenhuma,
De ser inteligente para entre a família,
E de não ter as esperanças que os outros tinham por mim.
Quando vim a ter esperanças, já não sabia ter esperanças.
Quando vim a olhar para a vida, perdera o sentido da vida.

Sim, o que fui de suposto a mim-mesmo,
O que fui de coração e parentesco.
que fui de serões de meia-província,
O que fui de amarem-me e eu ser menino.
O que fui – ai, meu Deus!, o que só hoje sei que fui...
A que distância!...
(Nem o acho...)
O tempo em que festejavam o dia dos meus anos!

O que eu sou hoje é como a humidade no corredor do fim da casa,
Pondo grelado nas paredes...
O que eu sou hoje (e a casa dos que me amaram treme através das minhas lágrimas),

O que eu sou hoje é terem vendido a casa,
terem morrido todos,
É estar eu sobrevivente a mim-mesmo como um fósforo frio...

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos...
Que meu amor, como pessoa, êsse tempo!
Desejo físico da alma de se encontrar ali outra vez,
Por uma viagem metafísica e carnal,
Com uma dualidade de eu para mim...
Comer o passado como pão de fome, sem tempo de manteiga nos dentes!

Vejo tudo outra vez com uma nitidez que me cega para o que há aqui...
A mesa posta com mais lugares, com melhores desenhos na loiça, com mais copos,
O aparador com muitas coisas – doces, frutas, o resto na sombra debaixo do alçado –,
As tias velhas, os primos diferentes, e tudo era por minha causa,
No tempo em que festejavam o dia dos meus anos...

Pára, meu coração!
Não penses! Deixa o pensar na cabeça!
meu Deus, meu Deus, meu Deus! Hoje já não faço anos.
Duro.
Somam-se-me dias.
Serei velho quando o for.
Mais nada.
Raiva de não ter trazido o passado roubado na algibeira!...

O tempo em que festejavam o dia dos meus anos!...
(PESSOA, 1974, p. 112-113).

Tomando como base o poema acima, é de notar que, para além de apresentar versos livres, ora muito longos, ora curtos, e sem rimas, trata do desencantamento do eu lírico face ao tempo presente. Na verdade, o eu lírico recorda um tempo passado, feliz, em que se comemorava o dia do seu aniversário, deixando entrever não apenas a sua saudade, mas também a sua amargura por não poder regressar a esse tempo de alegria

e vida plena partilhada com a família. Na primeira estrofe, pode-se inferir que o sujeito lírico se sentia feliz em tais ocasiões, e nenhum ente querido havia morrido. Com isso, é pertinente afirmar que a estabilidade emocional dele era assegurada pelo grupo familiar, cujos sentimentos habituais de afeto, respeito e reconhecimento estavam presentes. O lugar onde ele morava, a “casa antiga”, também possui uma conotação especial, já que, na 3ª estrofe, ele expressa o seu sentimento de nostalgia por terem vendido a casa e morrido todos. A festa de aniversário, por sua vez, é, por si só, um motivo de recordação, já que serve como mote para desenvolvimento de todo o poema. Ademais, era uma tradição na família que, indubitavelmente, muito antes que ele existisse, era celebrada: “era uma tradição de há séculos”. Era uma forma de preservação de valores culturais e familiares.

O sentimento de alegria compartilhado pelo grupo familiar, incluindo-se aí o do eu lírico, era certo como uma “religião qualquer”. Nesse contexto, a palavra “religião” não diz respeito apenas a um conjunto de doutrinas, crenças e práticas de um grupo social. Se se considerar a junção do prefixo -re, que funciona como um intensificador da palavra que o sucede: *ligare*, do latim, “unir”, “atar”, ver-se-á que a ocasião em que festejavam o dia do aniversário do eu lírico era um momento para reunir a família, momento este que promovia a felicidade da criança. Há autores que defendem, em sentido diverso do anterior, que o vocábulo “religião” vem do verbo latino *relegere*, que significa “reler” ou “revisitar”. Independentemente da acepção que se adote, fica explícito que o sujeito lírico viu-se feliz diante da “reunião” ou “revisitação” de seus entes queridos na ocasião em que completava anos.

Esses versos podem facilmente ser interpretados à luz do conceito de memória em Halbwachs, pois o eu lírico, apoiando-se no marco familiar, faz uma reconstituição do seu passado, mais precisamente da ocasião do seu aniversário, a partir do presente. Sem dificuldade, nota-se que é por meio da integração no tecido das relações familiares que o sujeito poético recorda. Conforme Halbwachs:

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2006, p. 30).

O trecho acima, extratado da obra “A memória coletiva”, vai ao encontro do poema de Álvaro de Campos pelo fato de o sujeito poético, ancorado no marco familiar, fazer um esforço inteligível de recordação do dia em que festejavam o dia dos seus anos. Os familiares ficavam felizes nestas ocasiões e, mesmo não estando material e sensivelmente presentes, em razão de morte e/ou afastamento, ajudam-no a recordar. No instante em que recorda, o eu lírico volta-se para eles, entra no grupo do qual continua a fazer parte e experimenta ainda a sua influência, encontrando em si muitas ideias comuns aos membros da família. Nessa lógica, pode-se dizer que a família, no poema, aparece como um marco, que é abstrato – estruturas de pensamento, valores –, e também como um grupo, que diz respeito a experiências (o que foi vivido de fato). A tradição de se comemorar aniversários na família do eu lírico é uma atestação da presença do marco familiar (comunidade afetiva), e a reconstituição da vivência dessas ocasiões corresponde à memória do grupo.

O sujeito poético, portanto, está sozinho apenas em aparência, pois os seus pensamentos e seus atos se explicam por sua natureza de ser social e por estar encerrado em um grupo – o quadro de referências da família. Com relação a isso, poder-se-ia redarguir que a representação do tempo do aniversário do eu lírico foi evocada pela memória individual, mas Halbwachs alerta que mesmo as lembranças mais pessoais reaparecem em função de muitas séries de pensamentos coletivos emaranhados. A memória individual

[...] não está inteiramente isolada e fechada. Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade (HALBWACHS, 2006, p. 72).

Isso evidencia que a memória não pode ser confundida com subjetividade. Ela é social. Na realidade, a memória individual e a coletiva não são excludentes. Todavia, é importante elucidar que é o indivíduo que possui o coletivo, e não o contrário, sendo que, em última instância, quem determina é o coletivo. Efetivamente, a memória individual é um ponto de vista do coletivo. Paralelamente a isso, não se pode falar em acúmulo de memórias, mas tão-somente em reconstituição. E essa reconstituição jamais será tal qual aconteceu; é uma aproximação. Reconstituir, nesse caso, não significa reencontrar, mas reconstruir. Daí a frustração do eu poético, que não pode recuperar o saudoso passado em que ele

era inocente e não percebia coisa alguma, como fica claro na segunda estrofe do poema.

Na segunda estrofe, por seu turno, descortinam-se a amargura, a melancolia e o pessimismo típicos do poeta Álvaro de Campos. Nela, repete-se a anáfora “No tempo em que festejavam o dia dos meus anos”, enfatizando-se a expressão repetida como uma recordação que traz à tona, de maneira contumaz, um momento vivido. Ao dizer que “tinha a grande saúde de perceber coisa nenhuma”, o eu lírico desvela a inocência da criança, a qual, contrapondo-se ao adulto do presente, apresentava a saúde de não pretender muito mais do que lhe era oferecido. Indo mais adiante na análise dos versos da 2ª estrofe, o eu poético afirma, no seu saudosismo da infância, que tinha a saúde de “ser inteligente para entre a família” e de “não ter as esperanças que os outros tinham” por ele. Este trecho é muito interessante, na medida em que demonstra que, no círculo da família, as crianças são, normalmente, consideradas inteligentes, bonitas, especiais, pois, ali, são admiradas e amadas. Nessa lógica, os familiares depositavam esperanças (no sentido de expectativas) no sujeito poético, que, mergulhado no seu universo infantil, nem se dava conta disso e, muito menos, das responsabilidades que adviriam no futuro: “Quando vim a ter esperanças, já não sabia ter esperanças”. Nesse verso, o autor confronta o seu passado feliz com o seu presente amargo, afinal, quando se deu conta de que era preciso ter fé na realização dos seus desejos (esperança), já não trazia a pureza e a inocência de criança – sua visão de mundo era outra.

Essa desesperança torna-se ainda mais manifesta quando o eu lírico se dá conta de que não poderá reviver o passado, como gostaria. O seu dissabor se completa no último verso da 2ª estrofe, que diz: “Quando vim a olhar para a vida, perdera o sentido da vida”. Esse verso é especialmente curioso porque o eu lírico se apercebeu de que havia perdido, na infância cada vez mais distante no passado, o sentido de viver. Os versos da segunda estrofe são particularmente interessantes para tratar da teoria da memória coletiva, pois, como mencionado anteriormente, o passado não pode ser reencontrado tal qual aconteceu, mas apenas reconstituído a partir do presente. Daí a amargura do sujeito poético, que diz ter perdido o sentido da vida ao perceber que não poderia retornar à infância venturosa. A recordação, dessarte, consiste numa aproximação do vivido, de maneira que a imagem de outrora torna-se alterada (HALBWACHS, 2006, p. 91).

Em se tratando da 3ª estrofe, é interessante notar que o sujeito poético dá continuidade à estrofe anterior com uma afirmação: “Sim, o que fui de suposto a mim-mesmo, / O que fui de coração e parentesco”, em que ele se coloca na perspectiva individual e coletiva, respectivamente: o si mesmo e o de coração e parentesco (pertencente a um grupo), indo ao encontro da premissa halbwachiana de que o que marca o individual é o pertencimento coletivo. De fato, ele contém em si dois seres – um que está sempre mudando e outro que não. Nos versos seguintes, o eu lírico prossegue, falando do que foi: “de serões de meia-província”, de amarem-no e ele ser menino. Esses versos elucidam exemplarmente a obra pessoana que, produzida num tempo em que os valores ruíam inexoravelmente, no qual eclodia a crise do conhecimento, seja pelo viés sociológico, seja por meio da psicanálise, buscou encontrar saídas para os problemas modernos. Uma dessas saídas, como tem-se visto ao longo da análise do poema, foi o retorno a uma infância supostamente feliz, em que o eu lírico encontrou a si mesmo na convivência com o grupo familiar.

Nesse ponto de vista, o sujeito poético não foi, sozinho, artífice dos seus tempos felizes. Os “serões” de que ele fala representam as tardes (especialmente a do seu aniversário) em que a família se reunia para se divertir. A “meia-província”, certamente, refere-se a um passado irrecuperável por completo em que a vida citadina do eu poético só vê reconstituído na memória do adulto. Essa meia-província, afastada da capital, traz à liça a vida do menino do interior que ora recusa as cenas da vida moderna e sua Sociedade Tecnológica, numa consternação que beira o desespero: “O que fui – ai, meu Deus! O que só hoje sei que fui... / A que distância!... / (Nem o acho...)”. Essa constatação de que o passado está distante e de que já não pode achá-lo, mas apenas reconstruí-lo a partir do presente, leva o eu lírico a um desgosto profundo cujo arremate se dá com a reiteração da anáfora: “O tempo em que festejavam o dia dos meus anos”.

Na 4ª estrofe, o sentimento de vazio é ainda aumentado, pois o sujeito lírico volta-se para o presente, contrapondo-se ao que foi outrora. Ele se vale da metáfora da umidade no corredor do fim da casa. Mais uma vez, aparece a imagem da casa como espaço de segurança, de afetos e de referência da família. O espaço, para Halbwach, é um marco social geral. Não se trata apenas de espaço físico, mas também simbólico. Desse modo, o corredor, uma das partes da casa de grande circulação de pessoas, figura um espaço simbólico da infância feliz do eu lírico. É um local que marcou o grupo familiar, correspondendo a aspectos da estrutura e

da vida da família – o que havia nela de mais estável. Nessa analogia, o eu poético vê-se sozinho, abandonado pelos seus, que morreram ou, em função das circunstâncias, afastaram-se. O calor dos reencontros familiares, nesse caso, foi substituído pela umidade, que faz com que plantas (trepadeiras) brotem nas paredes, como nas casas abandonadas (“Pondo grelado nas paredes”). E ele prossegue na descrição do seu desconsolo, afirmando que, no presente, a sua tristeza é imensa ao reconstituir o passado feliz da infância, o que culmina no choro (“e a casa dos que me amaram treme através das minhas lágrimas”) por não poder revivê-lo tal qual ele existiu. Ele só pode ser recordado em função do presente. No presente, o sujeito lírico está imerso em profundo pesar, posto que venderam a casa e morreram todos, ficando apenas ele (representante do grupo familiar), sobrevivente de si mesmo, analogamente a um fósforo frio, que perdeu o propósito de aquecer, trazer luz.

Na 5ª estrofe, por seu lado, a ênfase, mais uma vez, é dada à ocasião do aniversário, de modo que o leitor é conduzido novamente ao passado, como se o eu poético o reconstruísse, por conta do seu desejo intenso de para lá retornar. A partir do tempo presente da 3ª estrofe, ele se volta para o passado, como num processo de rememoração em que ele personifica o tempo vivido (“Que meu amor, como uma pessoa, este tempo!”), numa demonstração de desejo físico e espiritual (da alma) de se encontrar entre os seus como antes. Nessa corporificação do tempo, o eu lírico torna explícito o seu querer, metafísico e carnal, de viajar do presente para o passado, como num desdobramento de si (do eu adulto para o eu criança) e degustar o passado tão rapidamente, como um pão que sacia avidamente a fome, sem tempo sequer “de manteiga nos dentes”. É o desejo de resgatar o passado tal qual ele foi que perpassa todo o poema, mas, na esteira halbwachiana, ele não pode ser totalmente recuperado.

Nesse processo de reconstituição do passado, o eu lírico, na 6ª estrofe, volta-se novamente para o tempo da sua infância, de maneira que consegue ver “tudo outra vez com uma nitidez” que o cega para o que está no presente. Nesse diapasão, ele presentifica o passado, embaçando o presente que, para ele, é um tempo de ausência, perda, vazio, solidão, isto é, sem sentido e triste. Aí, aparece a importância da recordação e, mais especificamente, do espaço na rememoração, visto que ele consegue divisar a mesa posta com mais lugares do que o habitual, com a louça pintada a qual, decerto, só saía do armário em ocasiões especiais, com mais copos, sem falar na fartura de doces e frutas que estavam sobre o aparador, entre outras guloseimas que estavam “debaixo do alçado”.

Para Halbwachs, não é só o espaço que persiste através dos séculos, mas toda a parte do grupo que está em permanente contato com ele. Daí o eu poético ver tão nitidamente o lugar material da sua infância. A sua memória se baseia, na estrofe sob análise, na imagem da casa e do armário. Nesse contexto, Halbwachs (2006, p. 170) chama a atenção para o fato de que:

[...] não há memória coletiva que não aconteça em um espaço especial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda. É ao espaço, ao nosso espaço [...] que devemos voltar nossa atenção, é nele que nosso pensamento tem de se fixar para que essa ou aquela categoria de lembranças reapareça (HALBWACHS, 2006, p. 170).

Par e passo com Halbwachs, assegura-se que não há grupo nem gênero de atividade coletiva que não tenha alguma relação com o lugar, isto é, com uma parte do espaço. Reconstituindo a imagem do lugar, o pensamento coletivo do grupo representado pelo sujeito poético tem maior oportunidade de se imobilizar e durar. Toda a abundância descrita era em virtude da comemoração do seu aniversário, e as sensações são postas pelo eu lírico no lugar onde já residiu, o qual, em razão de sua estabilidade, dá a “ilusão de não mudar pelo tempo afóra e encontrar o passado no presente” (HALBWACHS, 2006, p. 189), afinal só ele envelhece.

Essa estrofe torna-se ainda mais notável quando o eu lírico sente-se lisonjeado pela presença das tias velhas e dos primos diferentes (ou seja, aqueles que não eram da convivência íntima), os quais estavam ali por causa dele, do seu aniversário, dando-lhe afeto e alegria. Nesses versos, destacam-se os familiares do sujeito lírico que compunham o grupo do qual ele faz parte e o qual marca o seu pertencimento coletivo. A iteração do verso “No tempo em que festejavam o dia dos meus anos” explicita o movimento de retorno ao passado que o sujeito poético faz, num esforço contínuo de tornar a viver a sua infância feliz e ditosa. A esses versos, devem se contrapor os da 4ª estrofe, que exibem uma casa fria, sem vida e preenchida apenas de solidão.

Por fim, na 7ª estrofe, o eu lírico, convencido de que não conseguirá recobrar o seu passado, faz um apelo à sua memória: “Pára, meu coração!”.

E ele prossegue, solicitando que o esforço de reconstituição do passado seja interrompido: “Não penses! Deixa o pensar na cabeça!”. Nesse instante, ele abre mão da recordação, termo que, etimologicamente, significa trazer novamente ao coração: o prefixo *-re* designa uma repetição, uma intensificação da palavra que o segue: *cordis*, do latim, coração. Daí o sujeito poético rogar, no modo imperativo, que o coração pare. Não querendo mais sofrer com a saudade dos momentos felizes da infância, ante a impossibilidade de retomá-los, abre mão do trabalho de recordar. Os sentimentos de perda, de vazio, de abandono, de amargura ferem-no. Por isso, prefere, nos últimos versos, não se deixar dominar por eles, deixando o pensar na cabeça, no plano da razão, em contraposição à emoção.

Conseqüentemente, o eu lírico clama a Deus, certificando-se de que já não faz anos, apenas dura: “Ó meu Deus, meu Deus, meu Deus! / Hoje já não faço anos. / Duro”. Nesses versos, ele chega à lastimável atestação de que, sem uma boa parte dos membros do seu grupo, por conta da morte de praticamente todos, ele já não festeja o dia dos seus anos, apenas espera o tempo passar. Nessa perspectiva, o tempo é entendido como duração individual, que se destaca sobre o fundo de um tempo coletivo: “Somam-se-me dias”. Como o tempo está passando, o sujeito poético, inelutavelmente, chegará a ser velho, mais nada, pois não pode retomar o passado: “Serei velho quando o for. / Mais nada”. Com o desaparecimento dos demais membros do grupo familiar, especialmente os mais velhos, o eu lírico vê-se isolado numa sociedade que não para de se transformar. Porém, conforme Halbwachs, basta que se conserve uma parte limitada do grupo para que ali seja possível reencontrar a lembrança coletiva. É por isso que ela persiste no caso do eu-lírico. O sociólogo sumariza, notavelmente, o que se disse anteriormente no trecho que se segue:

Quando dizemos que um indivíduo recorre à memória do grupo, devemos entender que esta ajuda não implica na presença real de um ou mais de seus membros. De fato, continuo a sofrer a influência de uma sociedade mesmo que dela me tenha afastado – basta que eu carregue comigo em meu espírito tudo o que me permite estar à altura de me postar no ponto de vista de seus membros, de me envolver em seu ambiente e em seu próprio tempo, e me sentir no coração do grupo (HALBWACHS, 2006, p. 146).

Conquanto seja assim, a impossibilidade de recuperar o passado tal qual ele foi vivenciado continua a frustrar o eu lírico, que encerra o

poema de uma forma belíssima e com a exaltação própria do heterônimo Álvaro de Campos: “Raiva de não ter trazido o passado roubado na algibeira!”. Sua raiva é compreensível, pois o passado da infância feliz é irrecuperável. Apenas a memória permite reconstruí-lo. Apesar da morte, a lembrança subsiste, visto que as relações afetivas resgatam do esquecimento as imagens dos familiares. Não obstante, ao sujeito poético, desejoso de reencontrar o passado, resta apenas a algibeira vazia de um passado feliz, que, segundo Halbwachs, só pode ser reconstituído a partir do presente. No último verso, o eu poético repete a anáfora: “O tempo em que festejavam o dia dos meus anos”, fazendo lembrar que a memória não está no vazio, antes o contrário. Enquanto ele viver, ela estará ali, contendo a experiência afortunada do vivido, afinal, mesmo encontrando-se sozinho, cada vez que ele recordar, trará para perto de si todos os familiares ausentes, reconstituindo, assim, o tempo em que festejavam o dia dos seus anos. Esse tempo é limitado e relativo, mas também “é bastante amplo para oferecer às consciências individuais um contexto de respaldo suficiente para que estas possam nele dispor e reencontrar suas lembranças” (HALBWACHS, 2006, p. 156).

Em última instância, afirma-se que, com a análise encetada neste artigo não se presume que esta seja a única possível. Essa é apenas mais uma entre tantas leituras que o texto literário possibilita. O poema do heterônimo de Fernando Pessoa – Álvaro de Campos – possibilitou fazer a ponte com a teoria da memória coletiva do sociólogo Maurice Halbwachs, sugerindo que as recordações precisam sempre de pontos de referência. À vista disso, reitera-se que, para Halbwachs, os grupos operam a partir dos quadros para constituir suas memórias, de modo que o tempo e o espaço são fundamentais nessa reconstituição. A partir do poema, que apresenta como quadro e grupo a família, foi possível perceber, em consonância com Halbwachs, que, enquanto existir um representante de um grupo, a memória deste permanecerá, sendo que a memória que perdura é a que tem um constructo de relações afetivas indissolúveis. Finalmente, sem embargo, o sujeito poético ensina, sem perder o sociólogo francês de vista, que o passado não pode ser reencontrado, mas tão-somente reconstituído a partir do presente.

REFERÊNCIAS

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **Los marcos sociales de la memoria**. Barcelona: Anthropos Editorial, 2004.

PAZ, Octavio. O desconhecido de si mesmo. In: _____. **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva. 1976.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Fernando Pessoa**: alguém do eu, além do outro. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

PESSOA, Fernando. **Obras em prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A., 1986.

PESSOA, Fernando. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar, 1974.

SACRAMENTO, Mário. **Fernando Pessoa**: poeta da hora absurda. Lisboa: Vega, 1985.